

**Artigo****A universidade pública em cenários neoliberais e fascistas:
balbúrdias de resistência em tempos de Covid-19****The public university in neoliberal and fascist scenarios: "shambles" of resistance in
times of Covid-19****Daniele Farias Freire Raic¹, Marilete Calegari Cardoso², Socorro Aparecida
Cabral Pereira³**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista-BA, Brasil

Resumo

O artigo cartografa as balbúrdias de resistências desenvolvidas pelas universidades públicas brasileiras em cenários pandêmicos. Traz as seguintes questões provocadoras: quais discursos e ataques neoliberais e fascistas têm sido agenciados pelo bolsonarismo? Em face desses discursos, quais balbúrdias de resistência vêm sendo desenvolvidas pelas universidades públicas? E, quais as contribuições das universidades públicas brasileiras em cenários pandêmicos? Realiza um mapeamento dos discursos neoliberais e fascistas agenciados pelo bolsonarismo, cujos efeitos se podem ver nos ataques às universidades, e um mapeamento das ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelas universidades públicas brasileiras durante a pandemia. Utilizou-se o método cartográfico e, como dispositivos de produção de informações, foram utilizados documentos oficiais, artigos acadêmicos e jornalísticos, eventos *on-line*, *lives* e pesquisas científicas desenvolvidas pelas universidades em cenários de Covid-19. Emergem nesta cartografia as *balbúrdias de ensino, de extensão e de pesquisa*. Sugere que as universidades públicas brasileiras vêm sofrendo contínuos cortes orçamentários e políticas privatistas, que deixam as condições de funcionamento cada vez mais precárias, além dos constantes ataques pautados em lógicas neoliberais e fascistas, amplamente praticados pela maioria dos interlocutores bolsonaristas. Verifica-se que, apesar dos ataques sofridos, há um trabalho permanente de resistência diante das concepções e práticas neoliberais e fascistas que encontram abrigo e se disseminam no governo Bolsonaro. Revela o compromisso das universidades públicas com as políticas de inclusão social, de produção e de disseminação do conhecimento, somadas às ações de prevenção e minimização dos impactos sociais da pandemia.

Abstract

The article on screen seeks to map the babblings of resistance developed by Brazilian public universities in pandemic scenarios. It raises the following provocative questions: what neoliberal and fascist speeches and attacks have been brought about by Bolsonaroism? In view

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UESB. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1137-736X> E-mail: danielefreire.uesb@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UESB. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4088-8249> E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br

³ Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) da UESB. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0854-729X> E-mail: socorrouesb@gmail.com

of these speeches, what are the babblings of resistance being developed by public universities? And, what are the contributions of Brazilian public universities in pandemic scenarios? Were carried out a mapping of neoliberal and fascist speeches managed by Bolsonaroism, whose effects can be seen in attacks on universities, and a mapping of the teaching, research and extension actions developed by Brazilian public universities during the pandemic. It uses the cartographic method and brings as devices for producing information from official documents, academic and journalistic articles, online events, lives and scientific research developed by universities in Covid-19 scenarios. In this cartography, the babblings of teaching, extension and research emerged. It suggests that Brazilian public universities have been suffering continuous budget cuts and privatist policies, leaving their operating conditions increasingly precarious, in addition to the constant attacks guided by neoliberal and fascist logics, widely practiced by the majority of Bolsonaroist interlocutors. It also points out that despite the attacks suffered, there is a permanent work of resistance to the neoliberal and fascist conceptions and practices that find shelter and are spreading under the Bolsonaro government. It reveals the commitment of public universities to policies of social inclusion, production and dissemination of knowledge, in addition to actions to prevent and minimize the social impacts of the pandemic.

Palavras-chave: Universidade pública, Neoliberalismo, Fascismo, Barbúrdias de resistência.

Keywords: Public university, Neoliberalism, Fascism, Shambles of resistance.

Introdução

A década de 2020 trouxe para nós, no Brasil, profundas inquietações. Assistimos a uma movimentação política que tensiona significativamente nossos modos de estar *no mundo, com o mundo*, para usar uma expressão cara à obra de Paulo Freire (FREIRE, 2001). As crises que assolam o Brasil são inúmeras e, agora, parecem estar intensificadas com a pandemia da Covid-19, a qual nos convida a perspectivar novos e necessários modos de estar no mundo, sobretudo quando consideramos que todas essas crises são transversalizadas por discursos neoliberais e fascistas, presentes nas práticas discursivas dos interlocutores do bolsonarismo, que ganharam visibilidade nos anos de 2016, com o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT)⁴.

À época do *impeachment*, transcorrido em um longo processo nas casas legislativas, chamou-nos a atenção a justificativa de voto do então deputado Jair Bolsonaro (PSL)⁵, na sessão de 17 de abril de 2016, conforme registra a Agência Brasil⁶:

Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família, pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim (DINIZ, 2016, s/p.).

⁴ Partido dos Trabalhadores.

⁵ Partido Social Liberal.

⁶ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/governo-repudia-mencao-torturador-na-votacao-do-impeachment>. Consultado em 30 de junho de 2020.

O deputado, ao demonstrar uma acintosa participação política, provocou profundas inquietações em diferentes segmentos sociais, principalmente quando somadas aos seus discursos cada vez mais antidemocráticos, muitos deles caminhando para o enaltecimento ao governo militar no Brasil, para o ataque à diversidade em nome dos “bons costumes” e, ainda, o insulto às universidades, direcionado a muitos de seus referenciais teóricos, com destaque aos de abordagens marxistas. Entretanto, seu nome foi emergindo como favorito nas campanhas para as eleições presidenciais, segundo as pesquisas de intenção de voto, causando-nos, inclusive, estranheza.

Em 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro para presidente da República⁷ pelo Partido Social Liberal (PSL)⁸, as pautas liberais e conservadoras ganharam mais vigor na agenda política. Para a lógica liberal, defendida pelo PSL e demais liberalistas, quanto menos o Estado intervém na economia, mais chances o país tem de enriquecimento. Tal crença se fortalece na medida em que há uma coalizão de interesses conservadores, advindos, tanto de tendências militares, quanto de tendências religiosas. Há no governo Bolsonaro um tripé complexo de sustentação: o mercado, a ordem militar e o sectarismo religioso. Essa trama nos remete a cenários de tensão, sobretudo no campo da educação.

A coalizão conservadora no governo Bolsonaro foi aumentando em velocidade e em conteúdo, de maneira que algumas das primeiras ações do Ministério da Educação (MEC) para a educação básica, ainda na gestão do ministro Ricardo Vélez Rodríguez⁹, foram: i) solicitar às escolas que filmassem os alunos cantando o hino nacional; e ii) defender a revisão dos livros didáticos a fim de construir narrativas mais acríicas diante do golpe de 1964 e da ditadura militar. No âmbito da educação superior, com a entrada de Abraham Weintraub na sucessão da pasta, vários acontecimentos foram se entretecendo e se avolumando na tentativa de desqualificar a imagem das universidades públicas, tidas como espaços de balbúrdias, de “vagabundos”, de “usuários de drogas” e de “idiotas úteis”, conforme expressões recorrentes de pessoas ligadas ao bolsonarismo.

Há, ainda, uma grande preocupação que vem rondando diferentes grupos sociais de tendências críticas e pós-críticas: os discursos fascistas que têm crescido aceleradamente nos últimos anos no Brasil, sobretudo entre os bolsonaristas. Concordamos com Konder (2009, p. 25), quando afirma que “o conceito de fascismo não se deixa reduzir, por outro lado [o autor refere-se, primeiro, aos reacionários],

⁷ A vitória do candidato se efetivou com mais de 57,8 milhões de votos contra pouco mais de 48 milhões de votos de Fernando Haddad (PT), seu concorrente.

⁸ Em novembro de 2019, por crises políticas internas, Jair Bolsonaro anunciou a sua saída do PSL e, ao mesmo tempo, falou da criação do partido Aliança pelo Brasil. Contudo, até agosto de 2020, com a finalização deste artigo, o presidente ainda está “sem partido”, uma vez que o partido anunciado pelo presidente ainda não conseguiu o registro no Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

⁹ O Ministério da Educação, durante os primeiros dois anos do Governo Bolsonaro, contou com a mudança de ministros por três vezes. O primeiro, Ricardo Vélez Rodríguez, permaneceu por três meses; o segundo, Abraham Weintraub, diante da crise com o Superior Tribunal Federal (STF), pediu exoneração, depois de pouco mais de um ano; e o terceiro, Carlos Decotelli, permaneceu por poucos dias e não chegou a tomar posse, uma vez que tornaram públicas as inconsistências em seu curriculum vitae, considerando sua formação acadêmica. E, até o momento da escrita deste texto, o MEC ainda não anunciou o sucessor de Weintraub, uma vez que não há consenso entre o governo e aliados sobre se o ministro deve ser militar ou evangélico.

aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo". Contudo, quando olhamos mais cuidadosamente para as práticas discursivas do bolsonarismo, vemos que o fascismo tem sido uma onda nebulosa envolvente, cujos efeitos se podem sentir, marcadamente, nos ataques às universidades, consideradas por muitos como espaços de subversão, de perversão, de balbúrdias.

O termo "balbúrdia" foi cunhado pelo ministro Abraham Weintraub ao justificar os cortes financeiros para três universidades federais – Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal da Bahia (UFBA). Essa medida não tardaria a ser estendida a todas as universidades e institutos federais de educação, amparada pelo Decreto nº 9.741/2019, que contingencia os recursos da pasta da educação. Assumindo nova semântica em diversos espaços universitários, tornando-se, em alguns deles, sinônimo de resistência, o termo passou a ser utilizado para demarcar trabalhos de lutas e de denúncias a todas as formas antidemocráticas e modelizadoras, que diminuem a condição humana e os direitos de existir na pluralidade e na diversidade. Assumimos a universidade como um espaço plural, seja de ideias, seja de expressões, seja de modos de existência.

Esse cenário sucintamente evocado soma-se à pandemia da Covid-19, que tem atingido várias regiões do mundo desde o final de 2019 (o primeiro caso no Brasil foi registrado oficialmente em março de 2020) e que tem se desdobrado em graves crises experimentadas pela população mundial não só no campo da saúde, mas, também, nos campos social, político e econômico, cujos efeitos recaem sensivelmente na esfera da educação. No Brasil, as crises enfrentam o negacionismo do presidente, que se refere à pandemia como uma histeria, mesmo diante de mais de 112 mil óbitos e mais de 3,5 milhões¹⁰ de brasileiros contaminados, se considerarmos os cinco meses depois de ter sido registrado o primeiro caso.

Diante do que apresentamos, propomos alguns questionamentos: quais discursos e ataques neoliberais e fascistas têm sido agenciados pelo bolsonarismo? Em face desses discursos, quais as balbúrdias de resistência vêm sendo desenvolvidas pelas universidades públicas? E, quais as contribuições das universidades públicas brasileiras em cenários pandêmicos?

Sabemos que questões assim postas não poderão ser respondidas em sua exegese, também não é essa a nossa intenção. Nosso objetivo com este trabalho é cartografar as balbúrdias de resistências desenvolvidas pelas universidades públicas brasileiras em cenários pandêmicos. Para tanto, nos dedicamos a: i) mapear os discursos neoliberais e fascistas agenciados pelo bolsonarismo, cujos efeitos se podem ver nos ataques às universidades; ii) mapear ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelas universidades públicas brasileiras durante a pandemia. Esses dois movimentos, entretecidos, permitem aproximarmo-nos do nosso objetivo.

Para a realização deste estudo, apoiamo-nos no método cartográfico. A cartografia em educação busca inspiração em Deleuze e Guattari, para os quais "o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 30).

¹⁰ Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Consultado em 20 de agosto de 2020.

A ideia de cartografia vem sendo apropriada pelas pesquisas em educação, as quais se interessam muito mais pelos processos do que pelos fins em si mesmos. Para Barros e Kastrup (2010, p. 57), "o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente". Ao assim se posicionarem, as autoras sugerem que não se trata de mera falta de controle das variáveis de campo, mas da necessidade de se deixar levar por um campo de forças. A proposta de uma cartografia é produzir o passo a passo, não num *a priori*, mas no modo de caminhar. Para as autoras, "o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes" (BARROS; KASTRUP, 2010, p. 59).

É, portanto, com a vontade de fazer conexões, de acompanhar processos e de produzir compreensões das compreensões do que experimentamos em nossos modos de viver e de existir, que a cartografia se justifica neste trabalho.

No fazimento dessa empreitada cartográfica, buscamos compor diversos dispositivos de produção de informações. O dispositivo, para Foucault (1979, p. 244), é um "conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais [...]". Assumindo os dispositivos em sua pluralidade, nos esforçamos em fazer um levantamento de documentos oficiais, artigos acadêmicos e jornalísticos disponíveis em meio impresso ou digital. Também nos interessamos pelos eventos *on-line*, documentários e *lives*, que têm emergido em grande quantidade durante a pandemia. *Como já dissemos*, os diferentes dispositivos não foram perspectivados em um *a priori*, seguindo uma lógica mecanicista. Mas, à medida que encontramos com um deles, fomos sendo conduzidas a outro e, assim, compusemos um *corpus* complexo e tramado. Reafirmando e valorizando os processos, fomos capturando cada um deles sempre que se mostrava significativo a nossa "caça". Ambientamos este estudo em toda sua imanência e multiplicidades. Com isso, dizemos que, em nossas discussões, não tornamos superior nenhum dos dispositivos em detrimento de outro. Sabemos que as práticas discursivas, quer oficiais, quer ordinárias, produzem realidades. Nesse sentido, apoiando-nos em Certeau (2012, p. 61), dizemos que "o importante é o trabalho de ultrapassagem operado pela insinuação do ordinário em campos científicos constituídos". Interessa-nos o que dizem "por aí", porque "o privilégio filosófico ou científico se perde no ordinário". Essa perda tem como corolário a invalidação das verdades (CERTEAU, 2012, p. 68). Por isso, a proposta é um texto tramado, em modo de tessituras, seguindo diferentes direções, cujas fronteiras se querem desfiadas ao por vir.

Discursos e ataques neoliberais e fascistas agenciados pelo bolsonarismo

Desde as últimas décadas do século XX, as universidades têm sido alvo de inúmeros e multidirecionais ataques. Com o fortalecimento dos discursos neoliberais no Estado brasileiro, a universidade pública vem sendo amplamente questionada como instituição dispendiosa, ao mesmo tempo em que atrai os olhares de investidores privados por se mostrar altamente lucrativa sob a manutenção privada. Agora, no raiar da década de 2020, vemos as narrativas neoliberais entretecendo-se

às fascistas, de maneira que o trabalho nas universidades enfrenta visivelmente duas frentes de resistência: os ataques neoliberais e os ataques fascistas. Embora reconheçamos que os elementos desses discursos, ora se aproximam, ora se distanciam, certamente se fazem presentes no cotidiano das universidades brasileiras e se impõem como pauta emergente quando nos posicionamos na defesa da universidade pública.

Sabemos que as universidades experimentam uma crise institucional que, segundo Santos (2006; 2008), vem se arrastando há pelo menos dois séculos. E, embora no Brasil tenham sido criadas tardiamente, o que somente aconteceu no século XX, dizemos que já “nasceram” em cenário de crise, que se funda na dependência financeira do Estado, o que fragiliza a autonomia científica e pedagógica. Essa crise se intensificou sobremaneira quando as universidades deixaram de ser um inequívoco bem público e passaram a ser um bem que, ainda que público, não deveria ser exclusivamente assegurado pelo Estado. No Brasil, os cortes no financiamento das universidades têm destaque ainda mais visível a partir da década de 1990, na esteira da lógica neoliberal. Tal lógica faz parte de uma “redefinição global das esferas social, política e pessoal, [em que] complexos e eficazes mecanismos de significação e representação são utilizados para criar e recriar um clima favorável à visão social e política liberal” (SILVA, 2001, p.13). De acordo com Silva (2001), o neoliberalismo prega o mínimo de intervenção do Estado na economia, deixando os mecanismos do mercado agirem livremente. De acordo com Apple (2003, p. 45), para a perspectiva neoliberal “todo dinheiro gasto com escolas e que não está diretamente relacionado com [...] objetivos econômicos é suspeito”. Para esse autor, os neoliberais acreditam que, tanto as escolas públicas (leia-se também as universidades), quanto todas as instituições públicas estão sugando o sangue da vida financeira da sociedade. Com essa visão, a política neoliberal provocou um grande abalo nas universidades públicas, induzindo, inclusive, a processos cada vez mais céleres de privatização e mercadologização da educação superior pública.

Ora, sendo a universidade pública financeiramente dependente do Estado, não é difícil perceber os grandes desafios em governos neoliberais, em face dos discursos perversos de que a instituição gera custos maiores do que o Estado pode ou deve assumir, além de causar “problemas políticos” com os discursos “críticos” que produz. Dizemos que a universidade pública foi agressivamente lançada em um processo de inanição, pois, sem recursos suficientes, teve enxugamento no ensino de qualidade, na extensão e na pesquisa, tríade de sustentação do trabalho universitário.

Como não bastassem os ataques neoliberais, que limitam cada vez mais as universidades públicas, vemos se avolumarem os discursos fascistas, impactando as atividades na instituição universitária. Para Konder (2009), o fascismo é uma espécie do gênero “de direita”, que experimenta uma contradição muito importante: as teorizações que produz com discursos “generosos” e as dificuldades práticas em manter as forças sociais que se empenham em conservar, as quais são capazes de manter um sistema socioeconômico que garanta seus interesses. O fascismo, assim, emerge como uma “enérgica tentativa no sentido de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição [...] tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas” (KONDER, 2009, p. 29). Para a direita conservadora, a política para ser eficaz carece de uma pragmática que transcenda a atitude doutrinária. De acordo

com Konder, o fascismo foi, então, buscar ideias no campo do "inimigo". Nesse sentido, o fascismo se "apropria" de alguns conceitos "populares" e os utiliza em sentido deslocado. Assim aconteceu com a obra de Marx, cujos conceitos foram assaltados pelo fascismo italiano, na figura de Mussolini. Assim nos fala Konder:

Mussolini, entretanto, transformou a teoria marxista da unidade da teoria e da prática numa identidade de teoria e prática. A teoria perdeu sua capacidade de "criticar" a prática: cortaram-lhe as asas, ela deixou de poder se elevar acima do solo onde surgia e se viu completamente instrumentalizada. Em lugar de se reconhecerem socialmente condicionadas (como em Marx), as verdades passaram a morrer, sistematicamente, pregadas na cruz da utilidade circunstancial que o cinismo dos fascistas encontrava para elas (KONDER, 2009, p. 33).

Mussolini, a fim de sustentar o fascismo, criou um mito: a pátria! A sacralização da pátria fez com que os italianos o seguissem em número significativo. Mussolini desenvolveu, então, o sentimento de nacionalidade ou de antinacionalidade, que, mais tarde, serviu de inspiração a outros movimentos, inclusive ao nazismo. Ocorre que o nacionalismo fascista requer a manipulação das massas. Tal manipulação faz ver que o fascismo carece de uma lógica populista. A "massa popular" sente-se empoderada e parte de um sistema que julga envolvê-la. É assim que fascistas aglutinam milhares de interlocutores. Mas, o que de fato é o fascismo? Podemos responder com Konder, para quem

(...) o fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara "modernizadora", guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório (KONDER, 2009, p. 53).

Para muitos, o fascismo "morreu" com Mussolini. Konder, no entanto, nos convida a pensar que essa formação política apenas vem mudando seus "modos". Tal convite nos parece bastante plausível. Vivemos tempos sombrios na política, na economia, na cultura... Às vezes não temos tido condições de ver e de fazer ver o porquê de tantos discursos odiosos contra as produções marxistas, artísticas, culturais, intelectuais e tantas outras expressões.

Umberto Eco (2008) nos fala do Ur-Fascismo ou fascismo eterno e apresenta algumas características típicas desse movimento, tais como: possui o culto à tradição e a rejeição ao mundo moderno; pratica o culto da ação pela ação; tem medo da diversidade; vive em busca de consenso; deriva da frustração individual ou social; possui a obsessão de enredo; acredita que seus inimigos são ao mesmo tempo muito fortes e muito fracos; defende que não há luta pela vida, mas a vida é vivida para a luta; cultiva o elitismo popular; acredita que todos são educados para se tornarem heróis; é machista; possui um populismo qualitativo; põe em dúvida a legitimidade de um parlamento; e fala novílingua.

Embora enxerguemos a presença de quase todos os recursos fascistas em muitas práticas cotidianas, nos deteremos neste texto em apenas alguns deles, por uma necessidade de delimitação de enfoque, embora elementos de outros recursos possam ser necessários em nossos argumentos. De início, destacamos aqueles que nos ajudam a mapear os ataques às universidades brasileiras. São eles: o culto à tradição, a rejeição ao mundo moderno, o medo da diversidade e a vida para a luta.

Ao tratar do culto à tradição, Eco (2008) afirma que este se baseia na ideia do tradicionalismo, uma visão mais antiga que o fascismo, a exemplo do movimento da contrarreforma da Igreja Católica. Esse culto à tradição traz como consequência a retórica do não avanço do saber, uma vez que os fascistas partem do pressuposto de que a verdade já foi anunciada e o nosso papel é o de apenas perpetuar sua obscura mensagem. Não é à toa que vemos o conservadorismo presente nos discursos fascistas, como bem podemos notar entre seus interlocutores.

Outra característica bem marcante em nossos dias e bastante sintonizada com o tradicionalismo é a rejeição ao mundo moderno. Os fascistas exaltam o desenvolvimento tecnológico, mas refutam o mundo considerado moderno, principalmente com a emergência do Iluminismo e da Era da razão, que, segundo acreditam, foi o início da depravação humana. Daí Eco afirmar a irracionalidade do Ur-fascismo. A irracionalidade fascista fere o trabalho universitário na medida em que questiona os modos de produção de conhecimento. Tal característica, acrescida da capacidade fascista de agir sem reflexões cuidadosas, levou, inclusive, parte da população brasileira à negação das orientações da ciência diante das medidas sanitárias no cenário de pandemia Covid-19, cujas ações do governo bolsonarista parecem ter causado graves impactos no índice de contaminação pela doença.

Outra característica sugerida por Umberto Eco e que muito nos provoca é o medo da diversidade. Sabemos que operar com distinções é sinal da modernidade, mas, para os fascistas, qualquer desacordo é tido por traição. Em governos fascistas, quem não é amigo, é inimigo. Nessa lógica, defendem o consenso, mostram-se avessos aos contraditórios, aos conflitos, às diferenças. A universidade, nesse sentido, é um espaço perigoso, de inimigos, sobretudo nas áreas das ciências humanas, as quais têm sofrido medidas cada vez mais agressivas.

Eco (2008) dá enfoque a uma característica fundamental do Ur-fascismo, que é a "vida para a luta". Para seus defensores, não existe luta pela vida, mas vida para a luta; por isso, vivem numa guerra permanente. Daí a emergência de um ciclo difícil de ser resolvido, pois, quando algum líder fascista consegue alcançar seu objetivo e, de certa forma, vencer a luta desejada, ele tem a necessidade de buscar outra luta, pois a paz é a contradição de seus princípios. Para Eco, nenhum líder fascista ao longo da história deu conta de resolver essa contradição. E, com a capacidade de aglutinar em torno do pensamento comum, esse modelo de governo arrasta uma multidão para a guerra, que, no Brasil, vemos, tanto nas práticas discursivas, quanto nos atos de violência física. Também não podemos perder de vista a ideia insistente do armamento da população, do sentimento de perseguição narrado pelos bolsonaristas. Parece que vivem prontos para a guerra, para o ataque, para a defensiva, e tudo isso em nome de um nacionalismo exacerbado.

Chama-nos a atenção o prefácio intitulado "Introdução à vida não-fascista", escrito por Foucault (1977) para a obra *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari. Para o filósofo, a obra aponta para três grandes adversários: os ascetas políticos, os

militantes sombrios, os terroristas da teoria; os lastimáveis técnicos do desejo – os psicanalistas e os semiólogos; e,

Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (embora a oposição do Anti-Édipo a seus outros inimigos constituam mais um engajamento político): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e de Mussolini - que tão bem souberam mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora (FOUCAULT, 1977, s/p).

O fascismo que parece sublevar na sociedade brasileira e que aqui provocamos não nos deixa enganar. Anunciá-lo é um dos modos de resistir. Como já dissemos na introdução deste trabalho, o presidente Jair Bolsonaro deixou antever, através do seu discurso no *impeachment*, o seu lugar de fala. Agora, preocupam-nos os discursos e as práticas fascistas que seus interlocutores agenciam, produzindo políticas públicas que, alinhadas às concepções neoliberais e fascistas, têm flagelado as minorias excluídas e as instituições públicas brasileiras, com destaque para as universidades. Talvez quando mudarmos as nossas lentes isso seja mais possível. Pensamos que o fascismo só o é na medida em que com ele nos compomos. Daí a necessidade do enfrentamento dessas questões. Há uma cumplicidade fascista que reúne líderes e liderados. Resistir tem sido o esforço dos que buscam uma sociedade efetivamente plural, cujas singularidades humanas são a maior defesa.

Ataques às universidades públicas brasileiras em cenários neoliberais e fascistas

Quando iniciamos esta cartografia, fizemos um esforço em mapear as ações do MEC que nos provocaram na condição de docentes. Considerando as nossas implicações e, querendo exercitar o necessário distanciamento, decidimos expor neste texto apenas aquelas que mobilizaram a opinião pública. Então, nosso primeiro passo foi selecionar as principais medidas tomadas pelo MEC, no período de 2018 a 2020, com repercussões para a educação básica e a educação superior.

Em entrevista à *Gazeta do Povo*¹¹, no ano de 2019, Abraham Weintraub afirmou que as universidades gastam bilhões e bilhões de reais que só servem para alimentar a militância espúria, que é contra a sociedade. Como se não bastasse, acusou, sem provas, conforme publicado pelo *Jornal GaúchaZH Educação*¹², que, nas universidades federais brasileiras, havia extensas plantações de maconha, incitando a opinião pública.

¹¹ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/weintraub-ministro-educacao-entrevista-exclusiva/22/11/2019>. Consultado em 30/06/20.

¹² Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/11/sem-apresentar-provas-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-plantacoes-extensivas-de-maconha-ck3ag01si040701phdrqonqjj.html>.

Em janeiro de 2020, o Superior Tribunal Federal (STF) solicitou que o ministro explicasse as críticas que vinha fazendo à União Nacional dos Estudantes (UNE)¹³, diante das diversas chacotas proferidas enquanto anunciava as carteiras digitais. Destacamos, ainda, os ataques constantes a Paulo Freire, questionando o porquê da educação no Brasil ter como bases filosóficas fundamentais as do educador pernambucano, que, para ele, é “feio, fraco e não tem resultado positivo”, como afirmou em entrevista ao deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), para o canal do *Youtube*, conforme atesta a Carta Capital¹⁴.

Não temos dúvida de que Abraham Weintraub, no campo da educação superior, deixará marcas históricas para a sociedade. Tão logo assumiu a pasta do MEC, Weintraub não tardou em anunciar a retenção de 30% das verbas destinadas a três grandes universidades públicas, como já o dissemos na introdução. Essa medida, estendida posteriormente a todas as universidades e institutos federais de educação, estava amparada pelo Decreto nº 9.741/2019. Somente para se ter uma ideia do ataque às universidades públicas federais, o corte inicialmente anunciado como 30% da verba total, depois foi aumentado para 30% do orçamento discricionário (ou seja, de gastos não obrigatórios), o equivalente a mais de R\$ 1,5 bilhão, logo no primeiro semestre do governo Bolsonaro, sem considerar os cortes à concessão de bolsas. Estavam, pois, se consolidando as medidas de “controle” das universidades públicas na era bolsonarista. Conforme Santos (2019)¹⁵, quando um governo de direita neoliberal assume o poder, os alvos são as universidades públicas. [...] Às vezes, os ataques são mais frontais, outras vezes, mais suaves. Mas, em média, houve uma redução de 30% a 50% no orçamento (SANTOS, 2019, s/p).

E, a fim de abrir as universidades ao investimento privado, o MEC lançou em 2019 o “Future-se”, um projeto que propõe uma série de alterações na gestão e no funcionamento das universidades federais. Entre elas, a abertura das universidades às Organizações Sociais (OS) de direito privado, ligadas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico e à cultura. O Future-se se projeta como alternativa à gestão universitária e propõe como eixos centrais: i) a Gestão, Governança e Empreendedorismo; ii) Pesquisa e Inovação; iii) Internacionalização. As chamadas televisivas para propagar o projeto sugerem modernidade e “novos tempos” para as universidades. Como modos de resistência, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)¹⁶, posicionando-se contra mais esse ataque à educação brasileira, ressalta, entre outras críticas, que esse projeto não tem compromisso com o acesso e a ampliação de vagas no ensino superior, tanto na graduação, como na pós-graduação, além de questões caras à educação brasileira, como a inclusão e a permanência.

Somado a esses ataques está em curso o dismantelamento dos sistemas de pós-graduação no Brasil, com políticas forjadas, inclusive pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES). A mudança da gestão da

¹³ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/01/08/stf-da-15-dias-para-ministro-da-educacao-se-explicar-sobre-criticas-a-une.ghtml> Consultado em 30. 06.2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/feio-fraco-e-nao-tem-resultado-positivo-diz-weintraub-sobre-paulo-freire/> Consultado em 20 de junho de 2020.

¹⁵ Disponível em: <http://www.adufepe.org.br/sociologo-boaventura-de-sousa-santos-aponta-caminhos-para-resistencia-ao-capitalismo-universitario-em-aula-publica/>. Consultado em: 7/07/2020.

¹⁶ Disponível em <http://www.anped.org.br/news/nota-da-anped-sobre-consulta-publica-referente-proposta-future-se-do-mec>. Consultado em: 13 de julho de 2020.

CAPES, para atender às exigências do novo governo, foi por si mesma um ataque às universidades; agora, as políticas que esta entidade encabeça desrespeitam o próprio modelo democrático brasileiro, as instituições e suas práticas de ensino, a pesquisa e a extensão. Só nos últimos dois anos, de acordo com o portal Rede Brasil Atual, publicado em 03 de setembro de 2019, o governo do presidente Jair Bolsonaro havia anunciado o corte de mais 5.613 bolsas de estudos para pesquisas de pós-graduação, destinadas aos pesquisadores em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Segundo o portal, este era o terceiro anúncio de retirada de bolsas em 2019. Com esse corte, somente em oito meses de gestão deste governo, foram extintas 11.811 bolsas de estudos financiadas pela CAPES. Mais recentemente, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) noticiou¹⁷, em 20 de março de 2020, que, no momento em que o país mais precisa da ciência, tecnologia e inovação para combater a epidemia do novo coronavírus, a CAPES altera novamente os critérios de distribuição de bolsas para os programas de pós-graduação e, com isso, a UFPEL terá uma redução de cerca de 15% nas bolsas de pesquisa (Coordenação de Comunicação, UFPEL).

Não temos dúvida de que as universidades são instituições *non gratas* ao governo Bolsonaro, cujas tendências neoliberais e fascistas não se cansam de destituí-las. Apesar disso, no interior das universidades, pululam movimentos de resistência e de lutas em defesa de seus princípios. Em obra datada de 1956, *A Educação e a crise brasileira*, Anísio Teixeira (2005, p. 333) já nos incitava a pensar que as universidades “precisam de viver em uma atmosfera de autonomia e estímulos vigorosos de experimentação, ensaio e renovação”. Nós, de cá de nossas reflexões, dizemos que às universidades cabe fazer as barbúrdias da resistência.

As barbúrdias que as universidades públicas têm produzido em tempos de Covid-19

Em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV) e da declaração de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), as universidades, como agências de produção de ciência, se viram com a responsabilidade de dar respostas consistentes ao mundo. E, mesmo com a maioria das atividades de ensino suspensas¹⁸ em face das medidas sanitárias, iniciaram as atividades remotas, tanto no trato das questões administrativas, quanto naquelas relativas a pesquisas e extensão, além da continuidade de algumas atividades presenciais nos laboratórios, em atendimento às demandas da Covid-19, como vem acontecendo nos centros de pesquisa em diferentes áreas essenciais ao controle epidêmico. O fato é que as universidades não pararam. As instituições das barbúrdias continuaram cumprindo seu papel na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Na busca por dispositivos para compor esta cartografia, produzida remotamente, coletamos imagens, narrativas, eventos, pesquisas, atividades de extensão, que nos auxiliaram a formar um *corpus* significativo sobre a temática, construindo conhecimentos pertinentes e consistentes. Nessa perspectiva, como professoras pesquisadoras, dialogamos com a pluralidade encontrada no campo de

¹⁷ Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-capes-amplia-o-corte-de-bolsas-de-pesquisa/>. Consultado em 30 de junho de 2020.

¹⁸ Muitas universidades públicas mantiveram as aulas remotas nos cursos e pós-graduação, até que se ampliem as políticas de inclusão digital para os alunos dos cursos de graduação.

pesquisa. Seguimos em nossa cartografia um caminho ziguezagueante. Nesse movimento, os dispositivos emergiram de uma “caça não autorizada”, como nos fala Certeau (2012, p. 38). Assim, fomos recolhendo do cotidiano uma avalanche de artigos acadêmicos e jornalísticos, livros, convites de diferentes propostas de extensão promovidas pelas universidades públicas nesses tempos de pandemia; também olhamos as diversas expressões artísticas e literárias, as interações nas redes. No transcorrer desse trabalho, assistimos às campanhas e às articulações com os colegas de todo o Brasil, em modos de resistência contra os diferentes ataques às universidades públicas. Localizamos barbúrdias no campo da pesquisa, do ensino e da extensão. É fato que essas barbúrdias estão interconectadas, e as “separações” que aparecem neste texto apenas deixam ver os compromissos sociais, políticos, éticos e estéticos que as universidades assumem, muitas vezes invisibilizados pelas narrativas negacionistas em tempos neoliberais e fascistas.

Como afirma Teixeira (2005, p. 337), na atualidade de sua obra, “o momento é [...], em todo o mundo, um momento de expansão, de libertação de forças, de novas composições e convergências para os grandes esforços humanos”. As universidades, mesmo experimentando as “primícias da maioria”, vem se constituindo com trabalhos cada vez mais qualificados, apesar do arrasamento da crise institucional.

Em face da Covid-19, a primeira medida de proteção à vida foi a suspensão das aulas presenciais em todas as instituições de educação básica e superior, tanto das instituições privadas, quanto das redes públicas federal, estadual e municipal. Considerando as condições socioeconômicas das redes públicas, a retomada das atividades remotas requereu ações planejadas e transversalizadas com a inclusão digital. Assim, começaram as barbúrdias das universidades, uma vez que a resistência está na defesa de que as aulas de graduação não podem e não querem deixar de fora os estudantes que não possam ser contemplados, com equidade, nas atividades remotas.

Em matéria divulgada pelo Correio Braziliense, de 06 de junho de 2020, encontramos a seguinte manchete: *Universidades públicas em todo o país planejam retomada de atividades - Mesmo sem data prevista para o retorno presencial, instituições elaboram planos de trabalho e fazem consultas com a comunidade acadêmica a fim de orientar ações.* À primeira vista, perguntamos: qual o problema de retomar as atividades com o ensino remoto? Por que as faculdades privadas conseguem, e as públicas, não? As respostas a essas questões têm como pano de fundo a crise que já anunciamos neste texto, ou seja, os cortes orçamentários nas universidades, que as levaram às condições cada vez mais precárias de funcionamento. No cotidiano das universidades, lidamos com cortes na assistência estudantil, nos insumos e nas condições estruturais; cortes nas bolsas de iniciação científica e de iniciação à docência. A crise que temos antecede em muito a pandemia. No entanto, as universidades públicas têm sido expostas aos dilemas que se entretecem em torno de como perspectivar a continuidade do ensino assegurando a inclusão social.

Com esse dilema encarnado em nossas experiências docentes, mapeamos a maneira como algumas universidades públicas no Brasil têm resistido e criado alternativas para o trabalho remoto. Em carta aberta¹⁹ em 25 de março de 2020, a

¹⁹Disponível em: <https://noticias.unb.br/69-informe/4031-carta-aberta-da-reitora-marcia-abraham-a-comunidade-academica>. Consultado em 20 de junho de 2020.

reitora da Universidade de Brasília (UnB), Márcia Abrahão, assim se manifestou: "Todas as nossas ações vêm sendo compartilhadas e discutidas com a comunidade universitária. [...] É preciso, no entanto, garantir que todos possam cursá-las. Ninguém será deixado para trás". Assim como a UnB, outras universidades públicas têm levantado a defesa de que todos os estudantes possam ter garantido o direito a continuidades de seus estudos, de maneira que vêm sendo perspectivadas políticas de inclusão para aqueles que não possuem as condições efetivas.

De acordo com o jornal da Universidade de São Paulo (USP)²⁰, foram distribuídos, desde março, 2.250 kits para beneficiar os alunos de baixa renda. Esses kits de internet são compostos por um chip para celular ou um modem portátil com interface USB, habilitados para 20 GB e mínimo de 100 horas-aulas por mês. Sem dúvida uma importante barbúrdia nos tempos de pandemia, todavia essa não é uma realidade comum no Brasil, sobretudo nas regiões em que as universidades não contam com orçamentos suficientes para atender às demandas dos alunos com necessidades socioeconômicas. Parece-nos que, para a maioria das IES públicas, o não retorno às atividades de ensino de modo remoto tem sido sua maior resistência. Em artigo publicado em *A Carta Maior - Educação*²¹, Roberto Leher assim se posiciona em relação ao ensino remoto:

Nos dias de hoje, essa alternativa pressupõe, *a priori*, deixar para trás justamente os estudantes das frações mais exploradas e expropriadas que ingressaram via cota racial ou de escola pública, e que são merecedores das melhores esperanças de ampliar a democracia no país. Não menos relevante, milhares de servidores teriam dificuldade de atuar nas aulas remotas, em virtude da impossibilidade de transformar o espaço doméstico em oficinas de trabalho e de harmonizar a cotidianidade transtornada pela pandemia com as atividades letivas virtuais. Esses problemas são especialmente severos para as estudantes, as professoras e para os professores substitutos e demais contratados por tempo determinado. Por hora, deixemos em suspenso os aspectos pedagógicos – decisivos e cruciais – das aulas remotas (LEHER, 2020, s/p.)

Todo esse movimento nos faz ver que, nas universidades públicas brasileiras, historicamente dominadas pelas elites, vêm sendo produzidas e compartilhadas novas práticas discursivas, as quais, ainda que timidamente, têm se somado às vozes das minorias excluídas. Isso retroalimenta as nossas esperanças em defesa da universidade pública, gratuita e de todos.

Esses são alguns dos exemplos que nos ajudam a demonstrar o quanto as universidades públicas brasileiras vêm lutando pela defesa de políticas de equidade e justiça social, diferentemente do que dizem as narrativas fascistas, que insistem em acusá-las de "antro de perdição".

²⁰ Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-distribui-217-kits-de-internet-para-alunos-carentes-do-campus-de-sao-carlos/> Consultado em 30 de junho de 2020.

²¹ Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/Universidades-publicas-aulas-remotas-e-os-desafios-da-ameaca-neofascista-no-Brasil/54/47699>. Consultado em 24 de agosto de 2020.

Outra ação que acreditamos ser necessário evidenciar, por seu pioneirismo em meio à crise sanitária que estamos vivenciando no Brasil, é o Congresso Virtual da UFBA, realizado durante o período de 18 a 29 de maio, com diversas atividades, a saber: mesas redondas, intervenções artísticas, palestras, rodas de discussão. A UFBA ofereceu a toda comunidade externa, em “casa”, uma importante programação transmitida pelo canal do *YouTube* e pela rede social *Facebook*. Foram mais de 38 mil inscritos, com um público (somente no *YouTube*) de mais de 126 mil participantes, gerando um total de 638 mil visualizações durante toda a programação. Os temas apresentados saltavam desde questões relativas às políticas públicas de enfrentamento da pandemia aos desafios da educação nesse contexto. Não ficaram de fora debates contemporâneos em relação à violência contra as mulheres, racismo, saúde prisional, vulnerabilidade de crianças e adolescentes, entre outros.

Seguindo a mesma linha de abordar temáticas acerca dos desafios da educação num contexto pandêmico, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UENR) vem desenvolvendo muitas atividades de resistências contra um governo autoritário fascista, como o curso de extensão “Saberes e resistências em tempos de pandemia”. O curso se propôs a discutir os saberes populares e acadêmicos relacionados ao atual contexto de pandemia. Essa atividade foi coordenada pelo professor Samuel Penteado Urban, do Campus Avançado de Patu, entre os dias 4 e 8 de maio, por meio de uma série de aulas *on-line*, em formato de *lives*, transmitidas através do *YouTube*.

Sobre as *lives*, importantes modos de comunicação entre as entidades e as pessoas, a professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Edméa Santos (2020), esclarece que se trata de “vídeos [que] se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e ou coletivos”. Para a pesquisadora, “essas *lives* vêm levando e reconfigurando para o ciberespaço eventos científicos já praticados em nossas universidades: palestras, conferências, mesas, rodas de conversas, encontros de e entre grupos de pesquisa, aulas, entrevistas”. Segundo a autora, essa metodologia permite atingir um grande público, pois, apesar de estarmos dispersos geograficamente, praticamos outras presencialidades, articulados em rede (SANTOS, 2020). Embora essas atividades não sejam “novidades”, no contexto da Covid-19 elas têm se constituído como uma excelente atividade síncrona de comunicação entre a universidade e a sociedade, de interlocução da produção e disseminação de saberes e de articulação de uma relação entre o saber popular e o saber científico. Com essas ações, as universidades públicas brasileiras deixam clara a relevância social das suas ações extensionistas.

Por fim, outra questão que sentimos a necessidade de evidenciar nesse trabalho são as produções acadêmicas que vêm ganhando destaque ao longo dos anos. Ao contrário do que vinha sendo anunciado pelo ex-ministro Abraham Weintraub e pelo presidente Jair Bolsonaro, as pesquisas têm sido realizadas e cada vez mais qualificadas, apesar dos poucos recursos. De acordo com a Academia Brasileira de Ciências (ABC)²², 95% das pesquisas brasileiras são realizadas pelas universidades públicas. Em resposta à entrevista dada pelo presidente da República à Jovem Pan, o presidente da ABC, Luiz Davidovich, professor da Universidade

²² Disponível em <http://jornal.ufg.br/n/115836-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>. Consultado em 29 de junho de 2020.

Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na tentativa de fornecer informações atualizadas sobre a produção acadêmica brasileira, destacou que, segundo a Clarivate Analytics, a pedido da CAPES, o Brasil, no período de 2011-2016, publicou mais de 250.000 artigos na base de dados *Web of Science* em todas as áreas do conhecimento, correspondendo à 13ª posição na produção científica global (mais de 190 países).

Embora as universidades públicas detenham a maioria das pesquisas no Brasil, precisamos atentar para o fato de que a continuidade dos contingenciamentos no campo das pesquisas provocará sua diminuição, uma vez que não se faz pesquisa somente com um “projeto” e com a “boa vontade” dos pesquisadores. A produção de pesquisas com qualidade requer compromisso do Estado com as universidades públicas, e não sua “terceirização” para as OS, como propõe o Future-se.

No esforço de cartografar as balbúrdias, com base nas informações apresentadas pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes)²³, fizemos uma imagem, conforme a Figura 1 – Cartografia das Balbúrdias, destacando o papel das universidades públicas em combate à Covid19. Nessa imagem, podemos observar o número expressivo de pesquisas em desenvolvimento sobre o coronavírus, além de outras ações relevantes desenvolvidas pelas instituições públicas para atender diretamente a sociedade, esclarecendo, informando e cuidando da população. São práticas de resistências que visam melhorar a qualidade das informações nesse período, contribuindo com atitudes mais saudáveis.

Figura1 - Cartografia das Balbúrdias



Fonte: fonte dos dados da Andifes -<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/05/11/pesquisa-da-andifes-demonstra-papel-das-universidades-no-combate-a-covid-19/>

²³ Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/05/11/pesquisa-da-andifes-demonstra-papel-das-universidades-no-combate-a-covid-19/>. Consultado em 30 de junho de 2020.

Embora os cenários nos mostrem as profundas incertezas e instabilidades, ainda vemos no trabalho dos pesquisadores brasileiros, com especial destaque aos das universidades públicas, um grande esforço em “balburdiar” com competência técnica e responsabilidade política e social. O volume de estudos e pesquisas mencionados no quadro anterior revela o quanto as universidades se mostram vivas, potentes e vibrantes na defesa da instituição pública de qualidade.

Considerações (que não são) finais

Este artigo é um esforço em colaborar com o fortalecimento das universidades públicas brasileiras, como agências de formação, produção e socialização de conhecimentos, fundadas nos princípios da pluralidade e da diversidade. O nosso trabalho buscou cartografar as balbúrdias de resistências desenvolvidas pelas universidades públicas brasileiras em cenários pandêmicos. Para tanto, mapeamos os discursos neoliberais e fascistas agenciados pelo bolsonarismo, cujos efeitos se podem ver nos ataques às universidades. Nessa direção, demos mais atenção àqueles que tiveram maior repercussão social. Além disso nos dispusemos a mapear as ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelas universidades públicas brasileiras durante a pandemia. Esses dois movimentos foram produzidos de maneira entrecida.

Durante a produção da cartografia, pudemos observar que estamos num momento muito frutífero para as universidades públicas brasileiras, pois, se, por um lado, elas estão sofrendo ataques de diversas naturezas, donde destacamos os neoliberais e os fascistas, por outro, têm se mostrado em movimentos intensos de resistência, de trabalho e de produção. É evidente que, como instituição plural, suas práticas e proposições seguem as mais variadas direções, mostrando que há, no interior delas próprias, ambivalências e contradições. Mas, ainda assim, nos anima ver o quanto as universidades vêm sobrevivendo aos processos de asfixia financeira, marcadamente neoliberais. Quando perspectivamos as resistências aos discursos fascistas que recaem sobre as universidades, observamos que muitos de seus enunciados têm sido incorporados às práticas discursivas de estudantes e docentes, individual ou coletivamente, contudo, quando tais discursos são pensados institucionalmente, vemos a construção de narrativas que se agregam em torno de uma balbúrdia comum: a universidade pública para todos.

Do que pudemos verificar com este trabalho, afirmamos a presença da universidade em sua tríade. Vimos balbúrdias de ensino, de pesquisa e de extensão, como ações indissociáveis, apesar dos parcos investimentos pelo Poder Público; pensamos o quanto nossas instituições poderiam produzir mais e contribuir com a melhoria das condições de vida dos brasileiros e, quiçá, da humanidade, se tivéssemos melhores políticas de financiamento e de valorização; acompanhamos um movimento em defesa da inclusão social dos estudantes, sobretudo de baixa renda, uma vez que não basta iniciar as atividades de ensino remotas, é preciso justiça, equidade social e inclusão digital, essa foi a resistência que encontramos; pudemos constatar que as universidades se fazem presentes na rotina das pessoas, por meio de ações acadêmicas ou não, mas, de todo modo, levam informações, conhecimentos qualificados e socialmente responsáveis. Pudemos constatar um trabalho criterioso de quem está comprometido com as pessoas e com a

humanidade, enfrentando, em grande medida, a irracionalidade que tenta se impor nos tempos fascistas.

Este trabalho nos leva a acreditar que as universidades têm se reinventado. Se um dia elas foram consideradas “torres de marfim”, no atual contexto, têm sido importantes agências de resistência, ainda que não possamos falar de uma instituição popular. Sabemos que as lógicas neoliberais e fascistas produzem formações sociais desiguais e injustas, mas não acreditamos que essas estratificações são insuperáveis. Não esperamos pelas grandes revoluções, talvez elas ainda não tenham chegado a nós, classe trabalhadora, ou mesmo não chegarão. Acreditamos nas micropolíticas, essencialmente revolucionárias, carregadas de intensidades e desejosas de novas formas de poder. Preferimos pensar com Deleuze (2019, p. 92) que, em composição com a obra de Foucault, vai nos falar do biopoder. Para esse filósofo da diferença, “a vida se torna resistência ao poder quando o poder toma como objeto a vida. [...] Quando o poder se torna biopoder, a resistência se torna poder da vida”.

A universidade da balbúrdia, a que defendemos e acreditamos, é uma universidade em defesa da vida e de todos, indistintamente. De resto, este estudo nos faz crer que a universidade pública brasileira está viva, potente e vibrátil e, intelectualmente, preparada para continuar desenvolvendo suas funções, ainda que em modos de resistência. E o por vir? Como se trata de um estudo em fluxos intensos e incertos, assumimos a provisoriedade do que ora apresentamos, o que nos leva a falar de considerações que não são finais.

Referências

ABRAHÃO, Márcia. Carta aberta da reitora Márcia Abrahão à comunidade acadêmica. **UnBNOTÍCIAS**. Disponível em: <https://noticias.unb.br/69-informe/4031-carta-aberta-da-reitora-marcia-abrahao-a-comunidade-academica>. Consultado em 20 de junho de 2020.

ALMEIDA, Pauline. No Rio, Bolsonaro faz discurso nacionalista e cita Deus, pátria e família **UOL**, no Rio de Janeiro, 07/12/2019, Seção Política. S/p. Disponível em: [tps://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/12/07/no-rio-bolsonaro-faz-discurso-nacionalista-e-cita-deus-patria-e-familia.htm](https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/12/07/no-rio-bolsonaro-faz-discurso-nacionalista-e-cita-deus-patria-e-familia.htm).

ANPEd, **Nota da ANPEd sobre a consulta pública referente a proposta FUTURE-SE do MEC**. Disponível em <http://www.anped.org.br/news/nota-da-anped-sobre-consulta-publica-referente-proposta-future-se-do-mec>. Acessado em: 13 de julho de 2020.

APPLE, Michael W. **Educando à Direita: Mercados, Padrões, Deus e Desigualdade**. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo; revisão técnica de Eustáquio Romão. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

BARROS, Laura P. de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto alegre: sulina, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 19. ed. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RAIC, D. F. F.; CARDOSO, M. C.; PEREIRA, S. A. C. *A universidade pública em cenários neoliberais e fascistas: barbúrdias de resistência em tempos de Covid-19*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

CRUZ, Adriana. USP distribui 217 kits de internet para alunos carentes do campus de São Carlos. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-distribui-217-kits-de-internet-para-alunos-carentes-do-campus-de-sao-carlos/> Consultado em 30 de junho de 2020.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, Vol. 1. - 2ª ed.- Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995.

DINIZ, Maiana. Governo repudia menção e aplausos a torturador na votação do impeachment. **Agência Brasil**. Brasília, 19/04/2016, Caderno de Política.S/p.Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/governo-repudia-mencao-torturador-na-votacao-do-impeachment>

DRECHSEI, Denise; KADANUS, Kelli. Entrevista: Weintraub ataca militância nas universidades e fala do medo de morrer. **Gazeta do Povo**, Brasília, 22/11/2019, Disponível em:<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/weintraub-ministro-educacao-entrevista-exclusiva/> Acesso em:

ECO, Umberto. O fascismo eterno. Tradução Eliana Aguiar. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2018 [recurso eletrônico] https://www.academia.edu/38655139/Ur_Fascismo_Fascismo_Eterno.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não-fascista. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento **Preface** in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Disponível em <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>. Consultado em 24 de agosto de 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

G1 – Jornal Globo. STF dá 15 dias para Ministro da Educação se explicar sobre críticas à UNE. In: G1 – **Jornal Globo Caderno Educação**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/01/08/stf-da-15-dias-para-ministro-da-educacao-se-explicar-sobre-criticas-a-une.ghtml> Consultado em 30. 06.2020.

GAÚCHA, Zero Hora. Sem apresentar provas, Weintraub diz que universidades federais têm plantações extensivas de maconha. In. GAÚCHA, ZH - Clicrbs. Porto Alegre, Caderno Educação e Trabalho. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/11/sem-apresentar-provas-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-plantacoes-extensivas-de-maconha-ck3ag01si040701phdrqonqjj.html>. Consultado em: 30/06/20.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEHER, Roberto. Em virtude da pandemia é necessário discutir o planejamento do sistema educacional. **Jornal Carta Maior**, Caderno Educação. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/Universidades-publicas-aulas->

RAIC, D. F. F.; CARDOSO, M. C.; PEREIRA, S. A. C. *A universidade pública em cenários neoliberais e fascistas: barbúrdias de resistência em tempos de Covid-19*.

Dossiê: "Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil".

remotas-e-os-desafios-da-ameaca-neofascista-no-Brasil/54/47699. Consultado em 24 de agosto de 2020.

MOURA, Marluce. Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. **Jornal UFG**. Disponível em <http://jornal.ufg.br/n/115836-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>. Consultado em 29 de junho de 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. - 3ª ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura Souza. **Pela Mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade. - 11. ed. - São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura. Boaventura aponta caminhos para resistência ao capitalismo universitário em aula pública. In: SENE, Adaire. **ADUFEPE – Associação dos Docentes da UFPE**. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-capes-amplia-o-corte-de-bolsas-de-pesquisa/>. Consultado em 30 de junho de 2020.

SANTOS, Edméa. #livesdemaio... Educações em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**. Notícias Online, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILE, Pablo A A.; SILVA, Tomaz Tadeu. *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: visões críticas*. 10ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

UFJF, Pesquisa da Andifes demonstra papel das universidades no combate à Covid-19. **UFJF Notícias**. 11 de maio de 2020, Campus e Comunidade. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/05/11/pesquisa-da-andifes-demonstra-papel-das-universidades-no-combate-a-covid-19/>. Consultado em 30 de junho de 2020.

Contribuição das autoras

Autora 1: Líder do Grupo de Estudos em Formação, Políticas e Práticas Educativas e Curriculares (Geforpec/CNPq). Contribuição para levantamento de informações na rede e nos documentos oficiais. Contribuição substancial para a concepção e análise, interpretação dos dados e revisão final.

Autora 2: Contribuição para levantamento de informações na rede e nos documentos oficiais. Elaboração de figuras. Contribuição substancial para a concepção e análise, interpretação dos dados e revisão final.

Autora 3: Contribuição para levantamento de informações na rede e nos documentos oficiais. Articulação da produção de informações on-line. Contribuição substancial para a concepção e análise, interpretação dos dados e revisão final.

Enviado em: 15/julho/2020 | Aprovado em: 28/agosto/2020